

O MENSAGEIRO

Núm.º 11

A N O II

4/12/1953

Preço 1\$50

JORNAL ACADÉMICO DO LICEU DE D. MANUEL II

(Ao abrigo do Art. 445 do Decr. 36.508)

Professor Orientador:

Dr. Óscar Lopes

Corpo Redactorial:

Vitor J. Alegria
Eduardo Pinho
José Augusto Seabra

A. Belmiro Guimarães
Arnaldo Pinheiro Torres
Eurico Consciência

Composto e impresso na:

Esc. Tip. Oficina S. José—Tele. 21866
R. Alexandre Herculano, 123 PORTO

Ouvindo as impressões das novas colegas do 6.º ano

Como todos os estudantes deste liceu sabem, encontram-se entre nós a frequentar o 6.º ano de Histórico-Filosóficas, Filologia Germânica e Ciências Geográficas cinco novas colegas, uma vinda do liceu de Carolina Michaëlis e as restantes do liceu da Rainha Santa Isabel. O facto, por inesperado, causou a princípio grande surpresa. Mas, com o decorrer dos dias, entrou na normalidade vê-las passar de bata branca nos corredores, embora de ar fugidio. Começa assim a considerar-se natural a convivência, o que sem dúvida é um passo em frente para uma maior camaradagem futura.

Por intermédio do jornal, várias vezes tivemos oportunidade de conversar com as já nossas colaboradoras, sempre prontas a receber-nos para nos ajudar. A confiança e espontaneidade que de uma parte e de outra se nota muito tem contribuído para essa aproximação. E quando pensamos em fazer esta pequena entrevista a elas nos dirigimos certos da sua boa vontade. Demais, apenas desejávamos completar e dar forma a quanto em diversas ocasiões discutíramos anteriormente.

Foi a Maria Luísa, faladora habitual, quem desde logo se mostrou mais decidida a enfrentar as nossas perguntas. Ela própria as atalhava:

—Se nos damos bem? Sim!—tenho-o dito a muitos de vós. Apesar de estar aqui ainda há pouco tempo, sinto-me quase adaptada. Ficaria mesmo triste se tivesse de mudar de novo.

—Pois eu—disse a M. Helena Nogueira—já estive mais contente do que agora...

—?!...

—É bem simples. É que eu, até há uns dias, à hora do almoço, tinha a companhia da Adelaide, que se transferiu para a Escola Normal. Desde então, vejo-me obrigada a passar o longo intervalo sózinha, aqui metida numa sala...

—E vocês?—virámo-nos para as outras colegas.

Como hesitassem em falar, foi ainda a M. Helena Nogueira quem respondeu por elas, desta vez num tom mais optimista:

—Posso afirmar que se vão habituando com facilidade. Muito melhor do que naturalmente se esperava. Da mesma forma que eu, o que todas estranham mais é a restrição de movimentos, que nos traz à memória os tempos do nosso ex-liceu. Bem sabemos que as condições são diferentes, mas, mesmo assim...

Caiu a conversa, naturalmente, na questão tão importante da camaradagem entre rapazes e raparigas, que engloba uma série de problemas de grande interesse.

Ouçamos a Maria Luísa:

—Eu vos digo. Às vezes, certas atitudes e reacções costumam camuflar-se sob o nome de «camaradagem». Mas a verdadeira camaradagem, essa muito dificilmente se atinge, de modo a que ela, e só ela, prevaleça. E a verdade é que é necessária!

—Além disso—acrescentou a Maria do Céu—é preciso também que os outros nos saibam compreender...

Concordámos. De facto, um obstáculo sério que se interpõe entre o rapaz e a rapariga é o egoísmo. É raro procurarem conhecer-se um ao outro, irem ao encontro um do outro, para ambos irem de encontro aos seus interesses. Colocam-se em planos diferentes, cada um no seu mundozinho.

—Ou vós achais que não vos deveis intrometer em assuntos «de rapazes»?—perguntámos—Que não tendes direito a discutir os mesmos problemas que nós?...

A M. Helena de Almeida confessou:

—Bem. Eu acho que sim. Contanto que não saia cada um do seu lugar.

Com grande espanto nosso, interpôs-se vivamente a Maria Luísa:

—Eu não sou dessa opinião! A rapariga não pode ter os mesmos direitos que o rapaz porque...—olhem!—pela própria definição de um e de outro!

A Dina Teresa, a Maria do Céu e a M. Helena Nogueira pareceram aquiescer (um tanto indecisas, apesar de tudo), o que reforçou ainda mais o nosso espanto. Discutiu-se, então. Pela nossa parte, discordámos em absoluto da Maria Luísa. Mesmo porque a razão de «definição» que apresentou não conseguimos chegar a compreendê-la. Que «definição»? Onde é que ela existe? Na tradição? Permitimo-nos notar que de há muito se vem esboçando a luta da mulher pela conquista da sua personalidade.

—E repare, Maria Luísa—dissemos—Você ainda há bocado falou da necessidade duma camaradagem sincera e completa. Como quer que ela exista com condições diferentes do rapaz para a rapariga?

Começou a argumentar-se um tanto estérilmente. Propusemos, por isso:

—Vamos a coisas concretas. Que tal têm sido para vós os rapazes?

Quase todas disseram pouco terem lidado com eles, excepto os das respectivas turmas. A Maria Luísa, no entanto, confidenciou:

—Os alunos dos anos mais adiantados parecem-me ser bastante educados. Como é seu dever, aliás...—E sorrindo:—Sabem... os miúdos é que se mostram algo atrevidos, por vezes...

Falou-se do nosso contacto nos trabalhos de «O MENSAGEIRO». E a M. Helena Nogueira:

—Eu acho que o jornal contribui imenso para o desenvolvimento cultural e prático de todos nós. Sobretudo se trabalharmos em conjunto, como se está a fazer.

—Por mim—acrescentou de pronto a Maria Luísa—aplaudo sinceramente a iniciativa e o grupo de colegas que nele coopera.

A Maria do Céu, a Dina Teresa e a M. Helena Almeida mostraram também grande interesse pelo jornal.

—Bem, para terminar, contem-nos agora algum episódio curioso que lhes tenha sucedido desde que andam cá no D. Manuel II—propusemos.

(Continua na pág. 2)

Cada ave é que faz o seu ninho

Em certo recanto da terra, jardim ou sarça, montanha ou vale, deserto ou bosque, vivia áquelle tempo uma ave. Nesse mundo crescera, nele aprendera seus trinados, nele contraíra seus hábitos, a ele se afeiçoara; nele amara e nele soffera, nele vivera e nele sonhara.

Para ella não havia céu mais attraente, luz mais amena, brisas mais suaves, noites e dias mais encantadores que aqueles.

Cada aurora tinha sempre a carícia de um sonho e o encanto de uma illusão. Cada dia que despontava trazia vinculado á luz macia do arrebol o afago de uma esperanza.

* * *

Certa manhã, porém, espalhou-se naquello viveiro a noticia de que lhe era forçoso mudar de horizontes, passar a viver em novos mundos.

Houve surpresa e alarme, inquietação e angústia.

Os horizontes tinham-lhe formado a estética da vida, para ella não havia outro mundo a não ser aquele, que já era tão seu pelo amor e pela dor. O desconhecido envolve-se no medo e põe susto nos espiritos.

Aquella ave não fora, nem era aventureira. Sempre ali vivera e a vida em outros mundos afigurava-se-lhe perigosa aventura. Só a ave de arribação se habitua a todos os horizontes.

Entre as aves daquellas paragens houve por isso magno concílio. Fizeram protestos e conjuras, armaram discussão e tomaram propósitos. Sobre a árvore frondosa mas carcomida da tradição teve lugar magna assembleia. Nela fincavam seus argumentos com a mesma força com que apoiavam suas patas. Sobre esta discussão nasceram alguns dias e puseram-se alguns sóis, até que uma certa manhã notaram que novas vergôntes tinham rebentado naquello velho tronco e se tinham alongado em direcções opostas e nelas e com ellas se tinha dispersado o bando.

Encontram-se de repente em novos mundos, em novos horizontes. Foram em revoada e agora lá vivem, trabalhando na fábrica do seu ninho, pois em qualquer jardim ou sarça, montanha ou vale, deserto ou bosque, cada ave é que faz o seu ninho. É a ave que faz o ninho e não o ninho a ave.

Maria Luisa Machado Passos

Colegas!

Este jornal é de todos vós! Ele vive do interesse que lhe dispenseis, trabalhando unidos para o seu progresso.

É preciso, portanto, que aos esforços dos que nele já colaboram se juntem os vossos esforços. E desde a simples leitura às actividades e responsabilidades redactoriaes elles se podem concretizar. «O MENSAGEIRO» espera resposta a este ALERTA!

O mar e a vida

Como gigante mar embravecido,
Rolando, agitado e furioso,
Assim na vida o trilho tão penoso
Se torna vagalhão enfurecido.

Ó mar assustador, o teu bramido,
A tua voz potente e cavernosa,
É como a voz da vida dolorosa,
Que agita o humano peito dolorido.

Porém tu, ó mar, tu, ó vida amada,
Se tendes tormentosa agitação,
Tornando a existência perturbada,

Deixai um sulco em nosso coração,
Mostrai-nos, p'lo soffrer, outra alvorada:
O prometido alvor da salvação.

Dilma Berta Velasco Bramão

Liceu da Rainha Santa Isabel

Ouvindo as impressões das novas colegas do 6.º ano

(Continuação da 1.ª página)

Sempre alerta, a Maria Luisa, meio a rir, contou —Olhem. No primeiro dia de aulas, quando ia pelo corredor que conduz á Associação, cruzei-me com alguns «caloiros». Um deles, dos seus 9 ou 10 anos, fitou-me muito mais espantado que os outros, dizendo: «O pá! Olha meninas!» E ficou a seguir-me com os olhos, admiradissimo com o facto.

—Agora eu—começou a M. Helena Nogueira —Um dia de mau tempo, á saída do liceu, abri o guarda-chuva e qual não foi o meu espanto quando vi cair pela cabeça abaixo uma chuva de papéis. A explicação é simples. Como coloquei, á entrada na aula, a «sombriinha» no cesto dos papéis, á medida que estes eram lançados para lá caíam evidentemente dentro dele!

A Maria do Céu contou ainda que uma vez quase ia enfiando pela porta de vidro do corredor, pois a planta do nosso liceu é imensamente diferente da do velhinho Rainha Santa.

E despedimo-nos familiarmente, que já era tempo, agradecendo a gentileza pelas nossas colegas demonstrada. Aqui ficam cordiaes votos de boa sorte pelo ano adiante. Que este liceu lhes deixe boas recordações.

Papelarias Araújo & Sobrinho, Suers.

Sede: Largo de S. Domingos, 50 — PORTO

Fillais: Rua Santa Catarina, 101 e Rua dos Clérigos, 33

Fornecedores dos principais Liceus, Colégios
e Escolas de Portugal

DESPORTO

Fala um ex-aluno — Augusto, internacional de Andebol

A curta série de entrevistas que nos propomos fazer será iniciada com a dum jogador valoroso de Andebol, já que é essa a modalidade mais arraigada neste Liceu.

A escolha não poderia deixar de recair no brevemente Dr. Augusto Mário de Sousa Costa, dado que foi neste Liceu que se iniciou naquele desporto.

A sua excepcional valia traduz-se em vários títulos de campeão regional e nacional, em várias chamadas à equipa das quinas, e na admiração que mereceu aos mestres do Andebol mundial: suíços, franceses, suecos e alemães.

Tendo-se pronta e amavelmente posto à nossa disposição, iniciámos o interrogatório:

— Há quanto tempo praticas o Desporto?

— Oficialmente, há oito anos. Já jogava Andebol desde o 4.º ano do liceu.

— Sem falar no Andebol, claro, que outros desportos praticas ou praticaste?

— Basquetebol, Óquei, Futebol e Voleibol.

— Onde começaste a tua carreira desportiva?

— No Liceu já jogava; representei-o em Basquetebol, Andebol e Voleibol, depois joguei Basquete no Académico e de há seis anos para cá jogo Andebol no F. C. do Porto.

— Quantas vezes és campeão nacional?

— Uma de Basquetebol e cinco de Andebol, sendo uma vez Universitário.

— E internacional?

— Seis vezes de Andebol: duas contra a Espanha, duas contra a França, uma contra a Suíça e ainda outra contra a Suécia.

— Qual foi o momento da tua vida desportiva que te deixou melhor recordação?

— A vitória contra a Espanha, no Estádio Metropolitano, em Madrid, por 8-7, onde fiz o melhor jogo da minha vida.

Boas recordações tenho das vitórias do F. C. do Porto sobre as selecções da Suíça e da Suécia, depois da equipa nacional ter perdido.

— E aquele de que te lembras com mais pesar?

— Um jogo contra o Ferroviários, que nos eliminou do campeonato nacional, somente devido à parcialidade dum árbitro.

— Que me dizes do nível das arbitragens em Portugal?

— As arbitragens em Portugal são muito más. Mas posso dizer que só ainda vi uma arbitragem perfeita. Foi na Finlândia, em jogo Suécia-Dinamarca, sendo a arbitragem a cargo de um alemão. Só a ele vi interpretar as leis do jogo como devia ser.

De passagem, posso dizer que já joguei sob as ordens de espanhóis, franceses, suíços e alemães.

— Quais as tuas aspirações para o futuro?

— Poucas aspirações tenho, pois um jogador amador, que já foi Campeão Nacional e Internacional, não pode desejar mais; de resto, não devo jogar muito mais tempo, visto estar para acabar o curso de medicina.

— Quais os jogadores que mais aprecias?

— Todos os do F. C. do Porto, Zé Manuel, Grijó e Vasco Sá.

— Que me podes dizer do Andebol Nacional, comparado com o Alemão, Sueco, Francês, Suíço e Austríaco, que já tiveste ocasião de defrontar?

— No dia em que tivermos uma preparação física aproximada da dos Suecos e um pouco de tática de conjunto, ganharemos a qualquer país. A nossa tática individual é de longe melhor que a dos outros países.

— Achas benéfica a prática do desporto e, em especial, o Andebol, nos liceus e outros estabelecimentos de ensino?

— Qualquer desporto, seja ele qual for, só traz benefícios, desde que seja regrado. O espírito de equipa, o saber ganhar, o saber perder, o saber acatar as decisões dos árbitros, educa tanto como qualquer lição de boas normas. Como no liceu a educação deve ser completa, julgo que o desporto tem lá absoluto cabimento.

— E por último, queres proferir algumas palavras aos que nos lêem, todos eles admiradores teus e do Andebol Nacional?

— Antes de mais nada, quero dizer-lhes que a Universidade espera deles muita coisa como intelectuais, mas alguma coisa como desportistas. Nela há o Centro Universitário, praticando desporto associativo, e que criou juniores de Andebol esta época. Os rapazes do 3.º Ciclo podem e devem fazer parte dos grupos. Lá os esperamos.

Um muito obrigado a Augusto, e, a terminar, chamamos a atenção, especialmente, dos alunos do 6.º e 7.º anos, que podem inscrever-se na equipas do Centro Universitário, bastando para esse efeito dirigirem-se a qualquer dos seus elementos, que lhes prestará todas as indicações.

A. Rietsch

O Remo no nosso liceu

O Remo é dos desportos mais interessantes e salutaros que se praticam.

No entanto, a não ser a quando da disputa dos campeonatos nacionais da modalidade, no rio Novo do Príncipe, ou noutras competições de igual vulto, o remo pouco entusiasmo desperta no nosso país.

Aqui no Liceu, então, pouca ou quase nenhuma atenção se presta a este desporto.

Ainda há dois anos, apenas uma tripulação de 4 representou o nosso liceu nas competições da M. P., enquanto outros liceus e colégios apresentavam três ou mais tripulações.

Ora não está certo que um liceu que sempre se distinguiu no Andebol, Voley, Vela e outros desportos, esteja tão mal representado nesta modalidade.

Era justo que todos os rapazes se interessassem um pouco mais por este desporto, que tão bem lhes faz, quando é praticado com método.

Estamos convencidos, porém, que este ano se dará mais atenção ao Remo, que bem o merece, por ser, como já dissemos, um dos desportos mais saudáveis.

Chaves Almeida

Valdemar Leite Duarte

AGENTE DO «NORTE DESPORTIVO», AGÊNCIA PORTUGUESA de REVISTAS e de «O MENSAGEIRO» em

Arouca

P O E S I A

A morte do Cisne

Era já velho e cansado.

Havia muitos anos,
Já, que ele vivia
Num lago ignorado,
Longe dos pântanos
Onde nascera um dia...

 Ia morrer...

 Mas antes da partida,
 O cisne quis dizer
 O adeus da despedida.

.....

Era ao cair da tarde,
Tarde triste e silente,
Quando o cimo do monte arde
À luz do Sol poente...

 Ao bosque verdejante
 Que fica além, ao fundo,
 Lançou um olhar distante,
 Apagado e profundo.
 Fora nele que vivera,
 Há muitos anos antes.
 Nele passou dias de Primavera,
 Felizes e distantes...

O cisne ia morrer,
E deixar de sulcar
As águas verdes do lago.
E, triste por não mais o ver,
Começou-o a acariciar,
Num longo e mauso afago...

 O seu pescoço esguio
 Do lago quieto e frio
 Lentamente se ergueu.
 E, de olhos meio velados,
 Levemente cerrados,
 O cisne olhou o céu...

Agitou então as suas leves penas,
Branças e puras como as açucenas.
Começou a cantar...

 E foi então que tudo
 Ficou sereno e mudo,
 Para o escutar...

E o cisne, do meio do seu lago,
A todos contemplava manso e vago...

 Jamais música alguma apareceu,
 Como aquela, de notas tão suaves...
 Não era assim a música das aves,
 Nem a dos querubins que estão no céu...

Era uma música mais serena e diferente,
De quem deixava a vida, satisfeito e contente.

.....

 Cantou o cisne... Deixou já de viver...
 Oh! Como é bela e triste essa canção!...
 É bela, porque sai do coração,
 E é triste, porque o cisne
 Só canta p'ra morrer!...

F. Vasconcelos

Saudação

Morreu no outro dia.
Morreu mais uma amiga.
Morreu...
Não dobraram sinos,
nem os parentes receberam telegramas
de pêsames.

O quarto, onde estava o caixão,
era escuro,
paredes esburacadas, lisas e sujas,
sem guarnições de prata,
ou melancólicos crepes.

O caixão era simples,
só madeira e pregos.
Nem velas, nem lamparinas.
Apenas a luz difusa,
filtrada,

dos vidros sujos da porta.
No enterro não houve ais,
nem gritos.

Apenas olhos húmidos.
Agora repousas
no cemitério,
repousas.

O luar envolve a tua campa sem mármore
ou ferros lavrados, de terra batida
e flores do campo.

À noite, à hora do pensamento a galopar,
em liberdade,
nós vemos-te.

Sobre o teu túmulo soam campainhas de prata,
em risos.

O teu olhar,
acima do túmulo,
ergue-se para nós.

As tuas mãos acariciam-nos, já.
O teu busto, coberto de limos, verdes de paz,
eleva-se da terra fria e batida da campa
às nossas consciências escaldantes.

À tua face, severa e melancólica, de sorriso
triste,
triste,

volta-se para nós, incita-nos.
A sombra dos teus olhos, ressumando orvalho,
apaga as pragas erguidas em noites de desejos
torturados,

de perseguição, sofrimentos.
O teu olhar diz tudo,
tudo,
diz tudo.

Nós conhecemos
o teu olhar,
tantas vezes, tantas!

Agora,
sempre,
estarás presente,
como um símbolo
imorredouro,
todo de paz.

Vitor J. Alegria

TEMPORAL

(CONTO)

O vento assobiava, arrastando montanhas de nuvens negras e acumulando-as ameaçadoras sobre o vale coberto de vinhedos, campos cultivados e uma ou outra vinha isolada, que encastoavam a aldeia escura e o adro de terra batida com a sua capelinha branca.

O ribombar dos trovões tornava-se a cada momento mais distinto e gotas de chuva enormes e quentes ponteavam já, de negro, os caminhos poeirentos. Homens e mulheres corriam ajouçados ao peso de enormes cestos de batatas que mal tinham saído da terra - mãe e iam mergulhar daí a pouco no escuro abrigo das lojas.

A chuva tornava-se mais forte e os primeiros regueiros escorriam pelas lajes. Os trovões e os relâmpagos explodiam a pino sobre o vale. Faíscas e cordas de água confundiam-se e caíam sobre a aldeia.

Parecia que a água e o fogo, elementos rivais, se tinham aliado contra a pobre humanidade, humilde e atordoada, que rastejava cá em baixo.

Encostado à janela da Casa Grande, o Rui Tavarede olhava a chuva alagando a aldeia, ou seguia por momentos com um olhar descuidado as moçoilas passando em baixo a tanger açodadas cábras e ovelhas para os currais.

Dentro da Casa Grande, a azáfama era enorme. Comandadas pela velha senhora, as criadas acorriam com bacias aos pontos fracos por onde o vetusto solar deixava passar a água. Já no quarto do Rui uma nódoa de chuva alastrava sobre a cama. Bocejando, o rapaz abandonou a janela. Como eram detestáveis aqueles dias de Julho, passados na aldeia Chuva em catadupas ou sol abrasador... Conversas sonolentas com o padre ou os chorosos lamentos da avó...

—Rui, estuda. Se tornas a reprovar... Demoras muito a format-te, e lá temos que vender os últimos vinhedos, e que há-de ser de nós?...

—Avó, eu estudo...—era a vaga, indecisa e mentirosa resposta de sempre...

Agora um som metálico repercutia lá de fora. Rajadas de saraiva açoitavam e matavam as culturas. A avó, desvairada, irrompeu pelo quarto.

—Rui. Rui. Lá se vai o azeite e o vinho—Um relâmpago mais intenso fê-la estremecer—S.^{ta} Bárbara! S. Jerónimo! Ai, como os cachos estavam lindos!... S.^{ta} Bárbara! Meu Deus...

Enjoado, o Rui foi para o salão e fitou a serra fronteira, por onde torrentes barrentas desciam em cachão devastando as culturas. Tudo se perdia. Tudo se ia embora. Más colheitas eram privações ainda maiores para a pobre gente da aldeia. Mas o estudante falhado não pensava de momento no problema humano da fome e da miséria aldeã. Pensava naquele ano perdido tão estupidamente, a seguir de longe a morena, a versejar à morena, a idealizar uma semi-deusa e por fim a carpir desilusões da morena. Agora, ali na aldeia, a bruta tempestade roubava-lhe a possibilidade de voltar a ter muitos anos assim. Como a realidade era dural

O granizo dera lugar a uma chuva forte e ininterrupta. A trovoadia ia já longe. No andar de baixo, no oratório, lamparina acesa, avó e criadas entoavam rezas monótonas, cheias de ecos lamentosos. O céu clareava, e de repente a chuva abrandou e cessou por fim.

Uma multidão encheu os caminhos e correu a ver as devastações. A cada passo, coros de gemidos escapavam-se dos peitos oprimidos pela desgraça. A gente, o céu cinzento pintalgado de negro, as árvores despidas pelas pedras da saraiva, o próprio som da água a escorrer pelas lajes, tinham um ar tétrico, quase fúnebre.

Enfiando uma gabardina, o Rui saiu de casa e dirigiu-se para os campos. Vinhedos e olivais, árvores de fruta e campos de centeio, tudo as torrentes e o granizo tinham arrastado, destruído, ceifado. Adiante do solar, um magote de gente lamentava-se em grita. Ao passar, o Rui viu um homem estendido.

—Que desgraça, menino! Um raio matou-o. Coitadinho...—quase lhe gritou uma mulher.

O estudante nem olhou o cadáver e inquiriu: —Quem é ele?

—É o Mião pastor. Viúvo há 15 dias. Que há-de ser dos filhos, menino?!

Voltando para casa, o Rui não via os campos destruídos, as colheitas perdidas, o homem fulminado. Via apenas um bando de crianças magras e sujas, ululando:

—Fome. Fome. Pão. Pão.

E com esta imagem pungente associava estranhamente a sua perda de ano, a sua derrota, o seu fracasso. As crianças tinham fome de pão, ele tinha uma fome imperiosa de triunfos. A fome. A fome.

Em casa, a velha avó parecia não estar alarmada.

—Ruizinho. Ruizinho. Felizmente não sarai-vou senão no vale. As vinhas das Quebradas e os olivais das Corças estão salvos! E como cá em baixo se perdeu tudo, vai-se vender melhor! Talvez se arranje ainda dinheiro para ires passar uns dias numa praia.

A indiferença da avó pela sorte dos camponeses era tão grande que o chocou.

—Avó. Morreu o Damião pastor. Fulminado...—disse por fim.

—Sr.^a do Socorro! Ele também era um hereje. Nunca ia à missa. Quem me paga agora os vinte mil reis que lhe emprestei? Vai, Ruizinho. Vai. Muda de calçado, que te podes constipar.

Lentamente, o Rui subiu a escada...

Manuel R. Cardoso Vieira

Vilar-Cucciolo

Vilar-Pachancho

As melhores bicicletas motorizadas, que todo o pai oferece ao filho como prémio.

Bicimotor, L.^{da}

Rua de Sá da Bandeira, 650

PORTO

CULTURA

Juventude e Vontade

Foi o século passado o século dos extremos, extremos de romantismos, extremos de racionalismos, caindo-se num predomínio, funesto por vezes, da razão ou dos sentimentos. Se deste século advieram alguns benefícios para a humanidade ou para a civilização, também é certo que os grandes problemas com que nos vemos a braços actualmente, embora vindos já de há muito em lenta evolução, atingiram aí a sua forma mais complicada.

Uma maior diversidade de opiniões, uma avalanche de lutas. Isto originou uma desorganização enorme e os homens foram-se dividindo cada vez mais. E foi esta herança, ora valiosa, ora allitiva, que nos ficou.

Agora, depois de duas guerras terríveis, que se estenderam a muitos países, caiu-se num período de apatia por um lado, de ansiedade por outro. Uns preferem o cómodo «laissez faire, laissez passer»; outros quereriam algo, mas, ou não sabem o que é, ou então falta-lhes a vontade, que aliás é o que os primeiros também não têm.

Assim, palavras e mais palavras, que nunca se convertem em acção. E é este o mal dos nossos dias — faltam homens de vontade.

E a juventude? É a época do desleixo e, evidentemente, ela foi contagiada pelo mesmo mal. Não sabe o que quer nem para onde vai. A maior parte despreza a cultura em qualquer dos seus aspectos. Nota-se um desinteresse confrangedor por tudo o que é do espírito. E assim estuda-se apenas para passar no fim do ano, e pela tangente, e quanto ao saber reconhece-se que é muito bonito... mas que não vale a pena perder tempo.

É preciso que os jovens se modifiquem — que saibam o que querem e que queiram. Precisam-se jovens que desejem ser mais tarde homens com uma cultura ao menos razoável e com carácter.

Carácter! E isto não se arranja num dia, mas por um esforço incansável de muitos anos. É pois preciso pensar, pensar noutros problemas que não sejam os de tirar um dez ou de ganhar uma partida de bilhar, de arranjar uns conhecimentos ou um namorico. Um jovem não é, por certo, um homem. Mas há tempo e lugar para os assuntos sem importância e para os mais sérios e elevados.

O que falta é vontade. Vontade nos jovens de se aperfeiçoarem e de adquirirem mais conhecimentos, vontade por vezes nos mais velhos de trabalharem por uma juventude digna que possa vir a ser Alguém.

O «Eu—poderia—se—quisesse» e o «Eu—quereria—mas...» têm as barbas cada vez mais brancas e maiores e nunca mais morrem. E o «Eu—quero» sofre de raquitismo. O que falta é vontade! É preciso querer e fazer. É pois necessário escolher um caminho.

Vitor M. S. C. Wengorovius

Barar Esmeriz

Rua dos Clérigos, 70-74—PORTO

O bazar que possui o maior sortido
de brinquedos

FOLCLORE

CANTARES DA MINHA TERRA

(Continuação da pag. 7)

—Guardando o meu gado,
que eu além «no» trago.
Já nasci senhora
para este fado.

—Nas altas montanhas
corres grande perigo.
Dize-me, ó pastora,
se queres vir comigo.

—Se dais tais conselhos
não sois cavalheiro,
pois quereis que se perca
o gado inteiro.

—O gado inteiro
não quero se perca.
Só quero que descanses
uma hora de sesia.

—Uma hora de sesta
não descansarei,
que vem além meu amo,
donde me acoitei.
Ven além meu amo
que me traz a merenda.

—Dize-me, ó pastora,
donde se acoitou?

—Numa nuvem de água
que a todos molhou.
Vá-se daí embora,
que mentir não sei.
Vou buscar meu gado,
que eu além deixei.

—Deixe estar seu gado
que eu vou-lho buscar.

—Não sou merecedora
de ter tais criados,
criados tão graves.
Suas meias de seda
não quero que as rompa
por aquelas estevas.

—Sapato e meia
tudo «romparei».
Por causa da pastora
minha alma darei.

—Vá-se daí embora,
que eu sei o que quer.
Quer é abusar
de uma pobre mulher.

—Um abraço me hás-de dar.
Não é com má intenção,
pois em verdade
eu sou teu irmão.

—Irmão, irmão meu,
irmão encoberto.
Abraços me hás-de dar.
Mil perdões te peço.

—Ó gente da aldeia,
acudam ao gado,
que foga a pastora
com seu namorado!

—Se foga a pastora
deixá-la fugir,
que a gente da aldeia
não deve acudi!

E pronto, amigo leitor. Chegámos ao fim desta modesta síntese folclórica! Aqui tens um exemplo fácil de seguir, bastando que ao assunto dediques parte das tuas próximas férias.

Um exemplo e um convite de

Eurico Conciência.

HUMORISMO

Reportagem sensacional retrospectiva

Noé, a arca e o dilúvio

Para geral contentamento dos lavradores, que viam morrer à sede as suas batatas, S. Pedro abriu o aqueduto das águas livres celestiais, e a chuva começou a cair fortemente, transformando-se, pouco depois, em dilúvio, em virtude de se terem avariado as torneiras, e não estar aberto, àquela hora, qualquer canalizador competente.

Entretanto, Noé tinha um olfacto digno de qualquer perdigueiro—salvo seja. A «coisa» cheirou-lhe a tragédia universal, visto que a chuva era como certa publicidade das estações de rádio portuguesas: começava e nunca mais acabava. Urgia salvar os animais, pois «nem só de pão vive o homem», e muito menos do daquela época, que conseguia ser pior do que o de hoje.

Noé, apressadamente, lançou mãos à obra e em breve construiu um barco que pudesse alojar todos. Acabado este, Noé mandou que os bichos se colocassem em fila indiana e distribuiu a cada um uma senha numerada, como se fazia nas sessões de luta-livre.

Foi chamando um a um, mas, na ocasião do elefante, o percevejo quis passar-lhe à frente, e aquele queixou-se:

—O sr. Noé. Este menino está a empurrar-me!

O comandante esteve vai não vai para partir a cara ao causador do distúrbio, mas pensou:

—Se mato este «fulano» não tenho outro para pôr nas camas dos hotéis...

Pouco depois, foi o porco que perguntou:

—O sr. Noé! Dá licença de ir lá fora?

E o bom velho:

—Vai lá, vai lá!—(E num murmúrio)—Hás-de ser sempre o eterno porco!

Daí a instantes, surgiu outra complicação. Os funcionários da Alfândega embirraram com o canguru, porque diziam que ele levava contrabando na bolsa. Corrido, porém, o fecho «éclair» daquela, verificou-se que levava lá os filhos, cujos passaportes estavam em ordem.

Em seguida, entrou o leão, havendo um engraçado que largou esta piadinha:

—Olha o Sporting! Bem me parece que este ano não «tiras» o campeonato!

O rei dos animais voltou-se, preparando-se para dar uma cabeçada no provocador, mas logo desistiu por ver que fora o veado que dissera a graça.

De repente, estabeleceu-se o seguinte diálogo entre a raposa e o corvo. Dizia ela:

—Adeus, ó ave maravilhosa! Gorgeia um pouco, que eu quero ouvir se o teu lindo cantar é tão belo como a tua plumagem.

O corvo, que tinha um bacalhau inglês de três quilos preso pelo bico, pô-lo debaixo da asa, e respondeu:

—Ó filha, mas para onde é que tu vens com essa conversa? Não sabes que eu já li todas as fábulas do La Fontaine?

Noé sorriu, e mandou que os animais continuassem a sair.

Nisto, no fim da interminável «bicha», levantou-se enorme rumor. Chegara o caracol.

—Então, isto é que são horas?—perguntou-lhe Noé.

—Que quer o Senhor?! Entupiu-se-me o gasôgnio pelo caminho!...

A chuva não parava. Um operador cinematográfico da «Fox» desatou logo a berrar:

—Máis umá vêz, o operadô cinemátôgráficô, vêm arriscá á sua vidá, pára vós áprésentá ás térévês cheias do Dilúvio! Aqui vêmos o Sinhô Noé sálvando ôs seus bichinhôs! ..

A seguir, era a vez do bode. A girafa exclamou:

—Eh lá! És feio como um bode!

Mas ele não se irritou e respondeu:

—Cala a boca, ó «escadote»! Pareces mesmo um «quilómetro lançado»!

Noé não gostou da conversa e advertiu os bichos de que falassem como gente civilizada.

Tinham embarcado todos. Noé entrou também, e posou, pela última vez, para os jornalistas.

Entretanto, o repórter de «O Mensageiro» entrou numa cabine telefónica, para transmitir tudo directamente à redacção. Mas, quanto a obter ligação... $3 \times 9 = 27$, nove fora, nada!

A pouco e pouco, a água foi inundando a cabine. A ligação não se fazia e...

Nota da redacção—Este famoso manuscrito chegou-nos hoje às mãos, dentro de uma garrafa de água das pedras.

O nosso infeliz repórter parece continuar à espera de ligação...

Eduardo Pinho

História velha... de forma nova

Encontrei outro dia o Brás, que muitos de vós conhecem. Foi ele que uma vez, numa aula do Dr. Salgado, traduziu «feux de Bengale» por «Velhos de bengala».

Onde o encontrei? Claro que foi no cinema, num «Domingo de Agosto», pois livro ou dois quilitos de jornais que lhe vão à mão, transformam os Brás imediatamente num bilhete de cinema, para o que se serve das graças dum alfarralista ou da farrapeira.

(Continua na pág. 12)

SALA DE ESTUDOS

R. de Serpa
Pinto, 73



Tel.: 42910
42089

Modalidades de ensino:

Estudo diário — 17,30 às 19,30 para o 1.º e 2.º ciclos e orientado por Prof. de especialidade.

Cursos de explicação de qualquer disciplina de ensino liceal e técnico.

Estabelecimento de ensino particular - Curso de admissão aos Institutos. Nesta cidade, único no género.

Atenção: os nossos pequenos cursos resolvem o problema dos alunos do 3.º ciclo reprovados em algumas disciplinas e de todos os que queiram estudar mesmo fora da idade escolar

FILATELIA

DUAS PALAVRAS DE RECONHECIMENTO

A abrir esta secção, no seu novo período, cumpre-me fazer um agradecimento ao Dr. J. A. Vasconcelos de Carvalho, ilustre director do Clube Filatélico de Portugal e representante do nosso país no Congresso da Federação Internacional de Filatelia, que teve lugar no passado mês de Outubro, na capital.

Agradecendo a esse grande filatelista os elogios que fez a esta secção, devo comunicar que, se não se acompanhou e não se fez publicidade do referido Congresso, foi porque este jornal não se publicou de Julho a Dezembro corrente.

Aqui fica ao Clube Filatélico o reconhecimento das revistas que a este órgão enviou.

Finalmente, agradeço a todos, filatelistas ou não, que com a sua simples leitura concorreram para o melhoramento desta página.

O CENTENÁRIO DO SELO PORTUGUÊS

O ano de 1953 é um ano festivo e esperançoso para a Filatelia Portuguesa. Festivo, porque foi precisamente há cem anos que se deu o primeiro passo na espinhosa carreira que o selo português haveria de percorrer; esperançoso, porque em todo o coração filatélico português há um grito legítimo de «mais e melhor».

Até 1853, havia uma notável desorganização quanto ao modo de pagar a correspondência; por exemplo, a taxa era paga pelo destinatário e, mesmo, em Portugal, variava com a maior ou menor distância.

Foi na altura do governo do Duque de Saldanha que se apresentou a D. Maria II o decreto que adoptava o selo adesivo e organizava definitivamente este assunto. Saído em 27 de Outubro de 1853, foi posto em vigor em Julho do ano seguinte.

Foram emitidos os primeiros selos, que tinham a característica digna de nota de serem impressos um a um e em relevo. Estes representavam o perfil da Rainha D. Maria II.

O sistema de relevo conservou-se até 1910, ano em que a impressão estampada ocupou totalmente a Filatelia Portuguesa.

E assim, a pouco e pouco foi-se melhorando a organização e modo de execução dos selos em Portugal.

Mais ou menos até 1922, as emissões eram impressas e postas em vigor com relativa periodicidade. Desse ano em diante, em Portugal, saíram emissões quase todos os anos, e mesmo duas ou três vezes por ano. Comemoravam ora exposições, ora aniversários, ora homenagens, ora congressos.

Com esta quantidade de emissões, dá-se a impossibilidade de quase todo o filatelista possuir todos os selos, mesmo contemporâneos.

É assim que se dá a actual ramificação da filatelia; deste modo, e mais economicamente, uns

coleccionam selos deste ou daquele país, outros os exemplares que representem acontecimentos desportivos em geral e uns terceiros os que se refiram à arte.

Mas o que aconteceu em Portugal, aconteceu também nos outros países do mundo.

Pondo ponto final nas divagações históricas da Filatelia Lusitana, passemos ao centenário do selo português, em geral.

Era mesmo inacreditável que a filatelia portuguesa deixasse passar os seus cem anos de vida sem qualquer manifestação.

Um dos acontecimentos mais notáveis foi o Congresso da Federação Internacional de Filatelia, presidido por E. Friederich e representado Portugal pelos prof. dr. Carlos Trinção e dr. J. A. Vasconcelos de Carvalho. Estiveram representados vários países, como: Suíça, Israel, França, Grécia, Bélgica, etc., etc..

Tratou-se de vários assuntos, entre os quais destacaremos as exposições filatélicas internacionais, a comissão contra as emissões abusivas, assim como muitos outros pontos de vista.

Outra comemoração foi a Exposição Filatélica Internacional de Lisboa, que, sob o patrocínio de S. Ex.^a o sr. Presidente da República, se realizou em várias salas do Instituto Superior Técnico.

Estavam no total expostos 1.500 quadros, nos quais se podem contar colecções da Rainha Isabel, do Cardeal Spellman, de Hugo Fraccaroli, do Dr. Fernando Cravo, do Dr. Carlos Trinção, do Dr. Vasconcelos de Carvalho, de Wemer Ahrens, etc., etc..

Durante os dias em que esteve aberta, foi visitada por milhares de filatelistas.

Finalmente, foi emitida uma série de selos, que retrata a Rainha D. Maria II.

É esta emissão uma das mais interessantes dos últimos anos.

Cunhou-se também uma medalha com os dizeres: «Exposição Filatélica Portuguesa, Lisboa, 1953»

Associando-se a estas comemorações, Moçambique realizou por sua vez uma valorosa Exposição Filatélica, que teve lugar em Lourenço Marques.

E assim Portugal inteiro soube honrar a Filatelia Portuguesa e mostrar a todo o estrangeiro que aqui também se trabalha, e não pouco, para o progresso filatélico!

Transcrevo agora umas palavras a este respeito do J. A. Vasconcelos de Carvalho:

«Já andámos, já fizemos, já conseguimos muito. Mas muito pouco em relação ao que podemos andar, fazer, e conseguir... É necessário que os filatelistas existentes avancem e valorizem as suas colecções!... É indispensável e é urgente que nos congreguemos todos numa força que, acima de tudo, seja união, e tenha unidade!»

E para terminar, amigos, gravemos em nossos espíritos: É preciso mais e melhor!

Arnaldo Owen Pinheiro Torres

Condições de assinatura para fora do Liceu

Aceitamos assinaturas, por 6 números, para estudantes de outros estabelecimentos de ensino e quaisquer pessoas que se interessem pelo nosso jornal.

O preço é de 8\$00, devendo o pagamento fazer-se adiantadamente.

Tudo para ciclismo. Bons preços.

António Moura & C.^a, L.^{da}

Praça Campo Mártires da Pátria, 34-36

(à Cordoaria)

PORTO

PÁGINA DOS MAIS NOVOS

Uma visita ao «Zoo» de Lisboa

Depois de sair do carro eléctrico, fomos comprar as entradas.

A primeira coisa que vi foi um sacristão, isto é (desculpem!), um elefante, a tocar a campainha. Mas o maroto só o fazia quando lhe metiam cinco tostões na tromba. Eu, com 6 anos, tive medo e dei-os ao empregado. Em seguida, vimos os ursos, e eu, como às vezes ouvia dizer que se fazia «figura de urso», perguntei: —Mamã, é daquilo que se faz figura?

Depois fomos ver os leões e as leões (que dorminhocos que eram!) Vimos os ursos brancos, para depois ir ver os hipopótamos, que eu achei um tanto ou quanto perigosos; um deles piscou-me o olho, mas eu... nada de confiança! Fomos à «Aldeia dos Macacos», a que achei bastante graça. No «Hotel do Simão» entrava-se pelas janelas, comia-se no telhado, e outras coisas mais; os cofres tinham que estar bem fechados, porque senão... Então na piscina havia cada nadador que eu julgava ser capaz de atravessar o «Canal da Mancha», e era engraçadíssimo ver as mães a atirar os filhos da prancha para a água. Fomos depois às girafas, que julguei serem postes da «alta tensão». Enfim, vimos tantos animais, que até me pareceram todos os que existiam, os que existem e os que não-de existir.

Por fim—malfadado fim—fomos ver umas casinhas muito pequeninas, que pareciam as casas dos anões dos contos de fadas. Entrei numa, mas por pouco partia a cabeça no tecto. A volta das casinhas havia um ribeirão com umas pontezinhas muito engraçadas.

Mas para ver se tinha peixinhos vermelhos cheguei-me à beira de mais, e... CATRAPUZ!!! Cai à água! Por sorte, só molhei uma perna! Fui logo para casa com uma perna de molho!

Assim terminou uma tarde bem passada, mas com o fim um pouco «trágico»!

José Mário Monteiro Guedes Branco

2.º ano

A fada do Sol-Pôr

A brisa esvoaçou,
e perpassou
por entre o pinheiral.

Murmurou cânticos de vale em vale,
sempre a cantar,
sempre alegre e jovial.

Tornou a passar
e levou com ela
os raios solares.

Tingiu o ceu rapidamente,
de rosa, de roxo e de cinzento,
como ave que passa e logo desaparece.

Deu mais uma volta,
bailou e murmurou baixinho:

—Adeus! Vou-me embora!

Para o infinito da Luz, da claridade e do Amor.

Jorge de Sousa

2.º ano

A mais bela e mais rica província de Portugal

Quem pela primeira vez visitar o Douro, soltará uma exclamação ao ver, nas suas serras e montes, beleza incomparável. E não é só a beleza a causa dessa exclamação, mas sim, também, a sua fertilidade.

Por esse horizonte além, onde a videira predomina, encontra-se um grande tesouro, que é, como todos nós sabemos, o vinho. E muitas pessoas hão-de julgar ser um tesouro ali aparecido ao acaso. Não. Esse grande tesouro, uma das grandes riquezas de Portugal, é a compensação do esforço do lavrador duriense, ao tratar da sua vinha. Mas ele não se preocupa só com a vinha. Também o azeite lhe rouba muitos suores e canseiras. Devido a esse grande esforço, tem o Douro, no azeite, outra fonte de riqueza. Por isso, eu, nascido nessas terras miraculosas, me orgulho de lhes pertencer, pois pertenço à mais rica e mais bela província portuguesa.

António Guedes Tavares Teles

2.º Ano

Dia do Estudante

O dia 25 de Novembro é comemorado nas três cidades universitárias do país como Dia do Estudante, segundo resolução saída da III Reunião das Três Academias, efectuada em Outubro de 1951. Nos dois anos que se seguiram a esta resolução, levaram-se a efeito várias realizações de carácter académico em Lisboa e Coimbra. Este ano, devido ao incremento tomado pelas actividades associativas dos estudantes dos cursos superiores do Porto, estes deram a sua colaboração às comemorações, permitindo que pela primeira vez o Dia do Estudante fosse celebrado à escala nacional. Tal facto merece ser aqui realçado, pois representa um passo decisivo para uma maior união e compreensão estudantis.

Marizabel Loureiro

DIRECTORA DO «GINÁSIO-ESCOLA»
EX-PROFESSORA DO INSTITUTO DE ST. PIERRE DE PARIS
Rua Saraiva de Carvalho, 39-1.º—Telefone. 27926 PORTO

Meninas: Aulas de francês, ginástica, dança rítmica e clássica
5 horas por semana—150\$00 mensais.

Pré-infantil de 2 a 5 anos: português, francês, jogos, canções e ginástica própria. Aulas diárias: 150\$00 mensais.

Senhoras: Ginástica individual e em curso para estética e emagrecimento. Individual—50\$00 por hora. Em curso de três horas por semana—300\$00 mensais.

HORÁRIO

Meninas de 5 a 8 anos, segundas e Quintas das 16 às 19 horas.
Meninas de 9 a 12 anos, Terças e Sextas das 16,30 às 19 horas.
Meninas de 13 a 25 anos, Quartas das 17 às 19 horas, Sábados das 16 às 19 horas.

Pré-infantil—Aulas diárias das 14,30 às 16,30 horas.

Senhoras—Manhãs em horas a combinar.

Aulas—Plano e esgrima a combinar.

Francês Comercial, 2 horas por semana—Segundas e Quintas das 19,15 às 20,15.

QUEBRA-CABEÇAS

Depois de umas longas férias, cá estamos de novo com esta secção.

Causou-nos espanto o facto de, às perguntas do nosso último número, somente cinco concorrentes terem respondido. É certo que, de permeio, se meteram as férias grandes, mas isto até veio beneficiar os que quisessem concorrer, visto que dispunham de muito mais tempo para pensar!

Aguardamos, agora, no futuro, muito maior quantidade de solucionistas, pois números houve em que responderam quase meia centena.

Os concorrentes—que, aliás, todos erraram as soluções—foram: Maria Helena Albuquerque Vergueiro, Maria Odete Fonseca, Maria Augusta Mesquita, José Adelino Fonseca e José Carlos Balacó Moreira. No entanto, excepcionalmente, foi sorteado um livro, na presença do nosso professor-orientador, Dr. Oscar Lopes, cabendo a Maria Augusta Mesquita, a quem o vamos enviar.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

1 — Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1—Camões, lá; 2—Amar, amor; 3—Mata, 4—Ar, lavra; 5—São; 6—Índia; 7—Dar, rã, ir; 8—Ad, calor; 9—Sa; ara, as.

VERTICAIS: 1—Cama, idas; 2—Amar, nada; 3—Mat, dr; 4—Ora, mi, ca; 5—Arar; 6—Salas, ala; 7—Vil, ira; 8—Loira, via; 9—Ar, ao.

2—As membranas que protegem o globo ocular são a esclerótica, a corioideia e a retina.

3—O artista que interpretou o papel de «Quasimodo», no filme «Nossa Senhora de Paris», foi Charles Laughton.

4—O inventor do pára-raios foi Franklin.

5—A 1.^a travessia do Atlântico Sul foi realizada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

6—Os meses que têm 28 dias são todos os do ano, visto que mesmo os que têm 29, 30 e 31, têm também os 28.

QUESTÕES DESTE NÚMERO

1 — Charada Combinada

- + RINO — Peixe cabeçudo
- + OUROS — Glória
- + FEBO — Jovem
- + OSO — Idoso
- + MERIL — Antiga peça de artilharia

Solução: Navegador português

(J. de C.)

2 — Manta de Retalhos

. O
 M
 E
 N
 S
 A
 G
 E
 I
 R
 O

Preencher os pontos por letras, de modo a formar o nome de algumas disciplinas do 3.^o ciclo (Letras e Ciências).

3 — Hieróglifo Comprimido

RÁDIO PREPOSIÇÃO CORDÉIS

Substituir as palavras dentro do rectângulo por outras equivalentes, de modo a achar-se o concerto-solução.

4 — Pilha de Palavras

					—fala
					—ira
					—bulir
					—terra
					—meia
					—manha
					—barulho
					—farrapo
					—palmípede
					—bobo
					—cheio
					—ave (J. de C.)

Substituindo as casas respectivas por palavras sinónimas da indicada adiante, encontrar-se-á na coluna central vertical o nome de um importante estabelecimento de ensino.

5 — Pergunta de Algibeira

Uma pessoa deita-se a dormir às 19 horas, pondo o relógio a despertar para as 8 horas do dia seguinte. Partindo-se do princípio de que essa pessoa adormeceu logo, pergunta-se: quantas horas dormiu ela, até o relógio retinir?

As respostas devem ser enviadas no prazo de 8 dias, a contar da saída deste número, *acompanhadas do respectivo cupão*. As soluções por correspondência devem ser endereçadas à Rua de Faria Guimarães, 1117, como é hábito.

E felicidades, amigos. Tendes mais um livro ao vosso alcance.

Francisco Vasconcelos e Eduardo Pinho

HISTÓRIA VELHA... DE FORMA NOVA

(Continuação da pág. 9)

Viciado em filmes, viciado até à medula, a sua conversa é um autêntico «Cartaz de espectáculos»:

—Então o liceu, amigo Brás?

—Ah! Lá deixei aquela «Prisão sem grades».

E com pena, porque «Os melhores anos da nossa vida» passam-se nesse «Castelo das surpresas». Muitos insistem em chamar-lhe «Fosso das Víboras», mas enganam-se. É claro que eu fui um dos «Anjos marcados» que de lá saiu, mas isso porque «A comédia e a vida» não se coadunam, neste aspecto.

—Saudades, pelos vistos?

—Pois. Olha que até «A severa» disciplina que lá há é necessária para certas «Brincadeiras proibidas» ou para castigar um ou outro «Valentão das dúzias».

—E os professores?

—«Todos foram valentes» amigos meus, embora alguém os apelide de «Caveiras do terror».

—Diabol! Então por que saíste?

—Por que saí? Achava aquilo monótono, sabes? Pois se não havia maneira de me chumbarem.

A saída, o Brás, quintanista aos vinte anos, despediu-se a sorrir:

—Adeus. Vou apanhar «O eléctrico... chamado desejo».

Eurico Consciência

ÚLTIMA HORA

O autor do artigo humorístico da pág. 9 «Noé, a arca e o dilúvio» pede-nos para publicar a seguinte nota:

«Com este artigo, não quis, de modo algum, ferir susceptibilidades, nem menosprezar o assunto. O parodiar factos em si sérios e credores de respeito não quer dizer menos atenção por eles. É até, segundo penso, a melhor forma de os recordar.»

Eduardo Pinho

Cupão 11